



SEMANAL

Desemprego e inflação, os males do Brasil



Vicente Vilardaga

22/11/21 - 17h13

A inflação e o desemprego são dois males que afligem o mundo pós-pandemia. Mas no Brasil a situação está pior. O caso do desemprego é chocante. Um estudo da **agência de classificação de risco Austin Rating** recém-divulgado mostra que a taxa brasileira de 13,2% é duas vezes maior que a média mundial e a quarta mais alta do planeta em um levantamento que cobriu 44 países. No caso da inflação, a situação se mostra igualmente terrível. O FMI estima que ela encerre o ano em 7,9%, bem acima da média dos países emergentes, de 5,8%, e da média mundial, 4,8%. Há uma combinação sinistra entre o aumento de preços, que beira o descontrole, e a perda de renda da população, que vê os postos de trabalho dizimados. Para completar, a intenção de consumo caiu em novembro depois de quatro meses de alta, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

Claro que a impressão que fica é de total inoperância do governo, que assiste aturdido a derrocada da economia. Nenhuma medida anticíclica para minimizar as perdas é tomada e o desalento da população só aumenta. Mês a mês, os brasileiros veem sua capacidade de consumo diminuir e não há qualquer perspectiva de melhora em curto prazo. O que já se perdeu de poder de compra dos salários não será recuperado. Soma-se a isso o medo paralisante do desemprego. Postos de trabalho têm sido eliminados para nunca mais surgirem. Vive-se um período de irracionalidade e de falta de projetos e medidas na gestão econômica como não se via desde o início dos anos 1990, antes do Plano Real. Enquanto isso, o presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Economia, Paulo Guedes, fazem chacota da situação de penúria da Nação e se jactam da falta de ações firmes para reativar o mercado.

O empobrecimento do brasileiro é visível e não há sinais de que a crise possa ser revertida. Os preços dos alimentos aumentam, assim como o dos combustíveis e da eletricidade. Arrumar trabalho, por outro lado, fica cada vez mais difícil. Mais fácil é perder o que já se tem. O setor de comércio e serviços está reagindo lentamente ao baque da pandemia e o agronegócio, permanente fonte de riqueza para o País, também está andando de lado. Vivemos um momento tenebroso, de absoluta desproteção e de estagflação, em que a estagnação se combina com o aumento de preços e o governo pouco faz para minimizar as perdas e recuperar a pujança econômica. A inflação é galopante, assim como o desemprego. E não se vê no horizonte nenhuma possibilidade de crescimento.